

Lima Barreto entre “a parceria do elogio mútuo” e a crítica literária:

história e literatura no Brasil da Primeira República



Lima Barreto, 1920,
fotografia (detalhe).

Denilson Botelho

Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Departamento de História, do Programa de Pós-graduação em História e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Autor, entre outros livros, de *A pátria que quisera ter era um mito: história, literatura e política em Lima Barreto*. 2. ed. Curitiba: Prismas, 2017.
botelhofdenilson@gmail.com

Lima Barreto entre “a parceria do elogio mútuo” e a crítica literária: história e literatura no Brasil da Primeira República

Lima Barreto between “the partnership of mutual praise” and literary criticism: history and literature in Brazil of the First Republic

Denilson Botelho

RESUMO

O artigo apresenta resultados de pesquisa sobre os usos que o escritor Lima Barreto fazia das suas leituras ao longo de sua trajetória no Rio de Janeiro do início do século XX. A partir do inventário dos livros de sua biblioteca e dos comentários sobre o que ele lia, analiso o modo como desenvolveu sua atividade de crítico literário, conferindo sentido e significados à literatura e à própria crítica, inclusive através do debate. Para isso, examino alguns textos publicados na imprensa carioca do período, correspondências e os próprios livros que foram objeto de crítica. Percebe-se que o escritor oscila entre o peso das relações pessoais e a busca de procedimentos capazes de pautar o exercício cotidiano dessa atividade, na qual sobressaem, em linhas gerais, suas preocupações com os aspectos históricos, sociais e políticos envolvidos na produção literária.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto; história social da literatura; crítica literária.

ABSTRACT

The article presents results of research on the uses that the writer Lima Barreto made of his readings throughout his trajectory in Rio de Janeiro at the 20th century. Based on the inventory of books in his library and comments made on what he read, I analyze how he developed his activity as a literary critic, giving meaning to literature and criticism itself, including through debate. For that, I examine some texts published in the Rio de Janeiro press of the period, correspondences and the books themselves that were the object of the criticism in question. The writer oscillates between the weight of personal relationships and the search for procedures capable of guiding the daily exercise of this activity, in which, in general, his concerns with the historical, social and political aspects involved in literary production.

KEYWORDS: Lima Barreto; social history of literature; literary criticism.



Corria o ano de 1922 quando veio a público o livro intitulado *Fetiches e fantoches*, de Agripino Grieco (1888-1973).¹ Crítico literário, poeta, tradutor e jornalista, o autor também escrevia naquele período para *O Jornal* – dirigido por Renato de Toledo Lopes, começou a circular no Rio de Janeiro em 1919 –,

¹ Este artigo é resultado de pesquisas desenvolvidas no âmbito do projeto intitulado Livros, leituras e ideias: história e crítica literária em Lima Barreto, financiado pela Fapesp através de Auxílio à Pesquisa – Regular, Processo n. 2018/19023-4.

atendendo a convite de Tristão de Ataíde (1893-1983).² O exercício da crítica literária era então recorrente entre escritores naquele período e aparecia de formas variadas em jornais, revistas e livros, seja em crônicas ou como breves comentários sobre uma obra e seu autor, seja em textos mais longos contendo análise aprofundada e detalhada.

O livro de Grieco foi editado pela Livraria Schettino, situada no número 18 da rua Sachet³, centro da capital federal. Nesta rua ficava também a redação do jornal *Tribuna Liberal*, dirigido por Carlos de Laet e que tinha como chefe de oficina o pai de Lima Barreto, João Henriques. Foi empastelada um ano após a Proclamação da República, ocasião em que foi morto o revisor Romariz. Foi também o endereço da Livraria Briguier, da Schettino, da Zélio Valverde e da editora de Augusto Frederico Schmidt. Aquela que hoje é conhecida como Travessa do Ouvidor, situada no pequeno trecho entre as ruas do Ouvidor e Sete de Setembro, teve grande importância na vida editorial do Rio de Janeiro no início do século XX. A obra de Grieco reúne ao todo 28 textos. A editora havia sido criada no mesmo ano desse lançamento e prosperou de forma modesta sob a direção de Gianlorenzo Schettino, mas encerrou suas atividades poucos anos depois, em 1931, já sob o comando de seu filho, Francisco Schettino – entusiasmado pela literatura, mas imprudente no campo comercial, segundo Hallewell. Além de Grieco, essa casa editorial publicou também *História de João Crispim*, de Eneias Ferraz e dois livros de Lima Barreto (1881-1922): a coletânea de contos *Histórias e sonhos* (1920) e o romance *Numa e a ninfa*, relançado após a primeira edição que saiu pelas Oficinas d’A Noite, em 1915.⁴

Mas o que há de tão interessante em *Fetiches e fantoches*? Um dos elementos que chama a atenção é o fato de que em três dos seus 28 capítulos o mesmo tema se repete: Félix Pacheco. Entre 1909 e 1921, o político que é objeto dos textos de Grieco elegeu-se sucessivamente deputado federal pelo estado do Piauí, até ser eleito senador neste último ano.⁵ Mas Pacheco era também um literato. Admirador da obra de Cruz e Souza, tornou-se poeta simbolista após cursar a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro e “frequentar os círculos literários e boêmios da capital da República de fins do século XIX”.⁶ Nessas rodas de convívio, distinguia-se entre jovens escritores por atacar instituições culturais conservadoras como a Academia Brasileira de Letras (ABL). E dedicava-se especialmente à leitura de poetas franceses co-

² Tristão de Ataíde era o pseudônimo literário de Alceu Amoroso Lima. Nascido no Rio de Janeiro, formou-se em Direito e atuou também como jornalista e crítico literário. Após a morte de Jackson de Figueiredo, em 1928, assumiu a direção do Centro Dom Vital e notabilizou-se como liderança do catolicismo e político conservador. Mais tarde, retomou o perfil de atuação liberal e se opôs ao golpe de 1964.

³ Ver GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2013, p. 100.

⁴ Ver HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 461.

⁵ José Félix Alves Pacheco nasceu em Teresina, Piauí, em 2 de agosto de 1879 e faleceu no Rio de Janeiro em 1935. Seu pai, Gabriel Luís Ferreira, foi juiz, governador do Piauí (1895) e deputado federal (1894-1895). O irmão de Félix chamava-se João Luís Ferreira, foi governador do Piauí de 1920 a 1924 e deputado federal de 1925 a 1927. Ver SANDRONI, Cícero. Pacheco, Félix. In: *Dicionário da elite política republicana (1889-1930)*. Disponível em <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PACHECO,%20F%C3%A9lix.pdf>>. Acesso em 17 fev. 2020.

⁶ Sobre a breve descrição da trajetória de Félix Pacheco, ver *idem*.

mo Verlaine, Rimbaud e Mallarmé, entre outros. Foi também o primeiro tradutor de Baudelaire no país.

Contudo, pouco tempo depois, em 1901, Félix Pacheco começaria a abandonar a postura combativa pela qual fora reconhecido e causaria espanto entre os companheiros de boemia ao encontrar emprego na redação do conservador *Jornal do Commercio*, então dirigido por José Carlos Rodrigues. Atuando inicialmente na seção de polícia, abandonou os arroubos febris da juventude e foi completamente absorvido pelo ambiente onde se introduziu. “Assim, o poeta viu-se enquadrado nas rígidas normas do jornal, cujas Várias e editoriais sobre política, economia e diplomacia muitas vezes derrubavam ministros, e lá permaneceria até a morte”.⁷

Em 14 de agosto de 1913 tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira número 16, sucedendo Araripe Júnior (1848-1911). Foi recebido por Sousa Bandeira (1865-1917), cujo discurso não deixou passar em branco, em tom jocoso, as críticas do jovem Félix Pacheco à instituição na qual ingressava naquele momento. A eleição para a ABL tinha muitos significados, dentre os quais destaca-se o reconhecimento literário entre os pares, posição almejada por vários escritores da época.

Além da trajetória parlamentar, em novembro de 1922 tornou-se também ministro das Relações Exteriores sob a presidência de Artur Bernardes (1875-1955). Ainda no exercício desse cargo, em 1924 comprou o *Jornal do Commercio*⁸, que passou a dirigir ao deixar o ministério, em 1926. Portanto, os textos de Agripino Grieco sobre Félix Pacheco, cuja publicação data de 1922, referem-se ao momento que antecede sua ida para o Itamaraty – nome pelo qual se identifica a sede do Ministério das Relações Exteriores –, e em que era deputado federal e se tornara senador pelo Piauí. *Fetiches e fantoches* serve, entre outras motivações, para desancar o então deputado, inicialmente por conta de uma proposta que apresentava à respeito de Rui Barbosa, nos seguintes termos: “É possível elogiar-se Ruy Barbosa sem a sabujice rastejante do Sr. Félix Pacheco; é possível homenageá-lo de outra forma que não a de oferecer-lhe um irrisório aumento de ordenado. Só um espírito lacaio, uma alma que nasceu votada à libré da subserviência poderia irrogar um tal insulto ao nosso grande mestre de ciências sociais, ao disseminador entre nós das ideias-forças de Fouillé”.⁹

Rui Barbosa (1849-1923) havia sido derrotado por Eptácio Pessoa (1865-1942) na eleição presidencial que se seguiu à morte de Rodrigues Alves em 1919. De qualquer modo, Rui continuará na vida política, se reelegendo senador em 1921. E, pelo que se observa, Félix Pacheco tinha a intenção de agraciar o renomado senador com um aumento de salário ou alguma gratifi-

⁷ *Idem*. Várias é uma referência à seção do *Jornal do Commercio* denominada Várias notícias, que em geral não era assinada e constituía-se de várias notas, sendo muitas delas sobre personalidades públicas. A seção ocupava espaço generoso na diagramação do jornal.

⁸ Sandroni observa que, em 1915, José Carlos Rodrigues vendeu o *Jornal do Commercio* para Antônio Ferreira Botelho, então diretor comercial do órgão. Em 1923, Botelho procurava um comprador para se desfazer do jornal e encontrou um interessado em Assis Chateaubriand. O negócio acabou não se concretizando por intervenção de Félix Pacheco junto ao presidente Bernardes, adversário político de Chateaubriand. No ano seguinte o jornal passaria às mãos de Pacheco, que o dirigiu até 1935, quando faleceu.

⁹ GRIECO, Agripino. Gorgeta ao homem do pires. In: *Fetiches e fantoches*. Rio de Janeiro: Livraria Schettino, 1922, p. 5.

cação extraordinária. Por esta razão, Grieco lhe dirige insultos vários pela “sabujice rastejante”, “espírito lacaio” e “subserviência”, que soam como insulto àquele que o crítico identifica como “mestre das ciências sociais”.

Num artigo bastante laudatório, após vários elogios a Rui Barbosa, as críticas a Pacheco são reiteradas:

É esse o homem nobremente desinteressado, o asceta de um claustro de livros, o beneditino do estudo que o Sr. Félix Pacheco pretende gorgetear à custa da nação. [...] Parece-nos pouco distinto amoeadar o ouro do talento. Só em casos extremos compreendemos os auxílios a intelectuais pobres: como quando, em França, foi preciso salvar com uma pensão o velho Lamartine, arruinado pela sua viagem dissipadora à Terra Santa e por outras fantasias sardanapalescas de poeta romântico... O que o nosso governo, sim, devia fazer, e sem perda de tempo, era mandar publicar as obras completas do mestre. [...] É preciso reunir em série os duzentos volumes esparsos do maior dos nossos autores.¹⁰

Grieco considera que a proposta de Pacheco seria o mesmo que oferecer gorjetas a Rui Barbosa às custas da nação. Como se não bastassem as duras críticas apresentadas até aqui, o crítico volta à carga em outro capítulo intitulado “Destroços de falsas famas...”, no qual, sob o pretexto de criticar a substituição do jurista Pedro Lessa (1859-1921) por Félix Pacheco na Liga da Defesa Nacional, desenvolve uma ácida descrição das dinâmicas envolvidas no exercício da crítica literária.

Após desqualificar o substituto de Lessa, ao afirmar que “de nós para nós, achamos que, dos requisitos apresentados pelo grande jurista, ele Felix só apresenta um: usar óculos...”¹¹, observa que o senador pelo Piauí conseguiu iludir muita gente: “Iludiu os letrados dando-lhes a impressão de ser, à míngua de altos dotes intelectuais, um homem de sólido carácter; e iludiu os ignorantes dando-lhes a impressão de ser, mal grado os seus arranjos de político acomodaticio, um poeta de raro talento...”¹² Acusando-o de ser “um mordomo do diretor do *Jornal do Commercio*, chame-se este José Carlos Rodrigues ou Ferreira Botelho”, ataca-o por sua vocação para áulico, que foi de “caixeiro de vassoura da reportagem” a “interessado da firma, com larga porcentagem nos lucros líquidos”. Ou seja: “É uma velha gaiteira com visagens de beata; um hábil *viveur* travestido de catão; é um fidalgo da camarilha de Versailles querendo fingir de puritano a Cromwell”.¹³

O texto prossegue denegrindo a poesia de Pacheco, afirmando que os maiores elogios que recebe são provenientes de seus auxiliares e têm sido estampados no próprio *Jornal do Commercio*. E Pacheco, por sua vez, elogia os seus elogiadores, num comentário que enseja a denúncia sobre como funciona, em sua opinião, a crítica literária: “É bem a panela literária, o cenáculo de iniciados, a parceria do elogio mútuo, parceria em que os bonzos se incensam

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 10 e 11.

¹¹ *Idem, ibidem*, p. 99.

¹² *Idem*.

¹³ *Idem, ibidem*, p. 100.

uns aos outros, cheios de volúpia, lançando simultaneamente, à narina dos refratários a andar em rebanho, fumigações de piretro".¹⁴

E desenvolve detalhada descrição de como funciona esse tipo de crítica literária e o jornalismo da época:

Dentro do jornalismo propriamente dito, ninguém sabe em que consiste a obra do Sr. Félix Pacheco. Toda a sua glória, nesse terreno, é construída sobre vagas possibilidades, sobre pontos de interrogação. Será ele o autor da "varia" de sensação do Jornal de hoje, da crítica de ontem aos romances do Tolstói, do substancioso estudo de anteontem à propósito da adubagem dos terrenos agrícolas?

*Exibicionista doentio sob a capa de cidadão modestíssimo, mete-se o vate do Mors-Amor (este livro, sim, sabemos que é dele, e antes não o soubéssemos) em tudo quanto é sociedade, comitê ou bando precatório, para ser fotografado, apontado a dedo pela turba admirativa, adjetivado pelos colegas de imprensa. Nem o Sr. Miguel Calmon o desbanca no gênero. Mestre Félix faz parte de todas as ligas contra a seca, contra o alcoolismo, contra a tuberculose, contra o bicho de pé e contra o espirro. Possui instinto gregário. É dos que nasceram para formar multidão.*¹⁵

Grieco questiona neste comentário os méritos literários de Félix Pacheco, sugerindo que o seu reconhecimento entre os pares foi conquistado nas redes de sociabilidade através das quais articulou a sua notoriedade. Sendo irônico e sarcástico, o crítico ressalta sua propensão a meter-se em iniciativas coletivas de todo tipo, revelando um "instinto gregário" ou um empenho desmesurado em amealhar para si algo que se aproxima do que Pierre Bourdieu chamaria de capital social. A abordagem do sociólogo francês nos permite compreender a construção de carreiras literárias para além do pretensso gênio criador dotado de características excepcionais inatas. Para isso, é preciso situar uma obra individual ou a obra de um autor específico "no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as relações entre a posição deste *corpus* neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu".¹⁶ Ou avançando ainda mais na explicação de Bourdieu: "Em outros termos, é necessário determinar previamente as funções de que se reveste este *corpus* no sistema das relações de concorrência e de conflito entre grupos situados em posições diferentes no interior de um campo intelectual que, por sua vez, também ocupa uma dada posição no campo do poder".¹⁷

Portanto, Grieco denuncia as estratégias empregadas nesse caso para viabilizar uma carreira política e literária, desvendando as engrenagens que regem o funcionamento do jornalismo e da crítica literária. Estratégias que consistem basicamente em meter-se "em tudo quanto é sociedade, comitê ou bando precatório, para ser fotografado, apontado a dedo pela turba admirativa, adjetivado pelos colegas de imprensa", ou seja, tornar-se uma celebridade por meio de sua inserção em associações que lhe permitissem adquirir visibilidade junto ao público em geral.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 101.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 101 e 102. *Mors-Amor* foi publicado em 1904.

¹⁶ BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 186.

¹⁷ *Idem*.



Fetiches e fantoches apresenta ainda um terceiro capítulo de pura troca contra Félix Pacheco. Com o sugestivo título “Há mortos que é preciso matar!...”¹⁸, o texto refere-se a um necrológio que o piauiense teria escrito sobre Paulo Barreto – falecido em 23 de junho de 1921 –, classificado como um exemplo de “psicopatía macabra”. Grieco explica o que motivara o seu artigo:

Mas nós outros, cheios de revolta ante o sacrilégio rimado, resolvemos vingar as cinzas do defunto. E de que modo? Apenas reproduzindo textualmente – vejam bem os leitores: textualmente – muitos dos próprios versos do pachecal criminoso, do croquemort do Parnaso, e acompanhando-os do comentário jocoso que os demais acadêmicos teriam possivelmente bordado em torno às estrofes com que, em metros vários, o chagal da poesia revolveu a terra do túmulo.

*Assim, a arma que serviu ao necrólogo para a autópsia do extinto, serve-nos, a nós, para a autópsia a que sujeitamos o necrólogo em vida.*¹⁹

Em face da insatisfação com o necrológio versificado dedicado a João do Rio – nome pelo qual era conhecido Paulo Barreto –, o artigo prossegue reproduzindo versos de Félix Pacheco e comentários jocosos sobre os mesmos, também em forma de verso, como se vários literatos desancassem os escritos de Pacheco. Definitivamente, Grieco via no objeto desses três textos um personagem da cena literária que, se não estava morto, era preciso matar, nem que fosse pela ridicularização.

Sobre o peso das relações pessoais e amizades na crítica

Houve quem discordasse dessas críticas endereçadas a Félix Pacheco. *Fetiches e fantoches* foi contemplado com breves comentários de Lima Barreto em texto publicado na revista *Careta*.²⁰ Reprendendo o “amigo Grieco” pelo “pequeno defeito, quando faz o exame e crítica de certos vultos da nossa atividade intelectual”²¹, o crítico justifica o seu descontentamento: “Não é do Senhor Félix Pacheco, senador e redator-chefe do Jornal do Comércio, de quem falo. É do Félix, protetor dos escritores desprezíveis ou desprezados a quem me refiro e de quem só tenho recebido homenagens; e, como eu, muitos outros da minha têmpera. Se o Senhor Agripino tivesse mais meditado, havia de ver que um homem como o Félix é uma necessidade na nossa literatura. Ele vê longe e largo”.²²

Independentemente das qualidades estéticas, literárias e intelectuais de Félix Pacheco, que não se pretende discutir neste artigo, convém considerar as relações que Lima Barreto estabeleceu com ele ao longo de sua trajetória de vida. Trata-se de uma amizade com tamanho grau de intimidade e confiança, que lhe permitiu, por exemplo, sentir-se suficientemente à vontade para pedir, através de uma carta, que intercedesse a favor de uma promoção para o seu irmão: “Dito isto eu te pedia muito um grande [favor]. Informa-me meu irmão

¹⁸ GRIECO, Agripino, *op. cit.*

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 179.

²⁰ BARRETO, Lima. *Fetiches e fantoches*. *Careta*, Rio de Janeiro, 2 set. 1922, p. 4.

²¹ *Idem*.

²² *Idem*.

Carlindo de Lima Barreto, guarda-civil de segunda classe, que tu és recomendação poderosa para o chefe de polícia. Caso não te constanja de qualquer forma, rogava-te que o recomendasses ao Aurelino, para ser ele promovido à primeira. Garanto-te que ele não é como eu, “em coisa alguma”. É disciplínavel, disciplinado, etc. etc.”²³

Apesar das recorrentes e enfáticas defesas que Lima Barreto fez dos princípios republicanos, combatendo as práticas de favorecimento pessoal tão costumeiras naquele período, isto não inibiu o seu empenho em pedir a “recomendação poderosa” de Félix Pacheco junto ao temido chefe de polícia Aurelino Leal, no sentido de obter a promoção de segunda para primeira classe do guarda-civil Carlindo, seu irmão. Certamente as modestas condições de vida da família, que habitava uma casa no subúrbio carioca no bairro de Todos os Santos, tiveram um peso significativo nessa iniciativa, demovendo eventual constrangimento de sua parte para fazer o pedido.

Esse episódio sugere também que, guardasse ou não ressentimentos em relação ao irmão, Lima Barreto não hesitou em apelar pelo seu favorecimento junto ao amigo deputado.²⁴ Afinal, Carlindo foi o responsável pela sua traumática condução forçada ao hospício pelas mãos da polícia por ocasião de sua primeira internação, em 1914. Barbosa descreve o episódio com detalhes, baseado em depoimento de Carlindo e anotações constantes do Livro de Observações do Hospício Nacional de Alienados. Segundo o biógrafo, “o escritor não perdoaria jamais ao irmão por tê-lo recolhido ao hospício pela mão da polícia, como indigente. Nem esqueceria a viagem tenebrosa dentro do carroforte de Guaratiba à Praia Vermelha, dois pontos extremos da cidade”.²⁵

O quadro de seguidas alucinações decorrentes da ingestão excessiva de álcool fez com que a família levasse Lima Barreto para passar uns tempos na casa de um tio em Guaratiba.²⁶ Como seu estado se agravou, Carlindo acionou a polícia para promover a internação forçada do irmão, recriada posteriormente, no plano ficcional, no conto “Como o homem chegou”.²⁷

Aliás, a amizade de Lima Barreto não se restringia a Félix Pacheco, incluía também seu irmão, João Luís Ferreira, a quem conheceu cursando Engenharia na Escola Politécnica. Prova inequívoca da relação entre ambos é o fato de ter dedicado a ele a primeira edição do romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1915.²⁸ Além disso, quando estava próximo de completar 40 anos, o escritor carioca encontrava-se de tal modo abatido pela embriaguez frequente, que “nos cafés e nas livrarias, antigos colegas da Escola Politécnica, medíocres inteligências, feitos então personagens importantes, evitavam-lhe o

²³ Carta de Lima Barreto a Félix Pacheco, sem data. Ver BARRETO, Lima. *Correspondência*, tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 198. Pelas referências contidas na carta, deduz-se que foi escrita em 1919. Aurelino Leal (1877-1924) foi chefe de polícia da Capital Federal entre 1914 e 1918.

²⁴ O biógrafo afirma que “Lima Barreto tratava-o afetuosamente Zé Félix”. Ver BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 7. ed. Belo Horizonte-São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p. 245.

²⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 187. Sobre esse episódio, ver também SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 271-277.

²⁶ Cf. BARBOSA, Francisco de Assis, *op. cit.*, p. 186.

²⁷ BARRETO, Lima. Como o homem chegou. In: *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Rio de Janeiro: Typografia Revista dos Tribunais, 1915.

²⁸ Na primeira página impressa desse livro consta: “A João Luiz Ferreira (Engenheiro Civil)”.

contato”.²⁹ Foi nessa época que, ao ser eleito governador do Piauí, João Luís Ferreira pretendeu convidar ou teria convidado Lima a ocupar o cargo de diretor da Imprensa Oficial do Estado. Segundo Barbosa, o escritor deu uma desculpa, alegando que o Piauí era muito longe, receoso também de que a iniciativa fosse um gesto de piedade que deveria ser repellido: “de qualquer maneira, não seria capaz de morar em outra cidade senão no Rio de Janeiro, ou de deixar o pai velho e doente, que precisava do seu arrimo”.³⁰

Em busca de “método” para a crítica

Parece fora de questão que não se pode desconsiderar as relações entre o crítico – Lima Barreto – e o objeto da crítica – Félix Pacheco – na análise da reação ao texto de Agripino Grieco. Mas o crítico usa o espaço da conceituada revista *Careta* para defender o amigo e poeta piauiense, invocando também argumentos metodológicos que vai buscar nas leituras francesas tão presentes no seu cotidiano e na sua formação. Defende que é preciso observar um ensinamento de Sainte-Beuve, que sempre procurava saber qual tinha sido a educação primeira de um escritor a ser analisado: “Isto é indispensável para aquilatar um autor. Nunca me despedi dessa lição do mestre das *Causeries du Lundi*. No meu amigo Grieco se manifesta esse pequeno defeito, quando faz o exame e crítica de certos vultos da nossa atividade intelectual. Um exemplo que cito com amargor, é a análise do Senhor Félix Pacheco”.³¹

E qual tinha sido a educação primeira de Félix Pacheco? Teve uma sólida formação escolar, fazendo os estudos primários no Colégio Karnak³², em Teresina, sendo em seguida matriculado no Colégio Militar do Rio de Janeiro, ao completar 12 anos de idade. Mais tarde ingressou na Faculdade de Direito e passou a frequentar os círculos literários da Capital Federal em fins do século XIX. Ou seja, de algum modo Lima Barreto respaldava-se nessa formação educacional como algo relevante a ser considerado na produção literária que o piauiense viria a desenvolver.

Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869) foi citado algumas vezes por Lima Barreto ao comentar os livros que recebia. A lição de como fazer crítica literária o escritor carioca foi buscar na extensa atividade desempenhada pelo crítico francês, inicialmente nas páginas do jornal *Constitutionnel*. Desde que chegou a Paris, em setembro de 1849, Sainte-Beuve foi convidado por Véron, diretor desse periódico, a ocupar algumas de suas colunas a cada edi-

²⁹ BARBOSA, Francisco de Assis, *op. cit.*, p. 244. Sobre o assunto, ver também SCHWARCZ, Lilia Moritz, *op. cit.*, p. 431-439.

³⁰ BARBOSA, Francisco de Assis, *op. cit.*, p. 244 e 245. Como a correspondência entre Lima Barreto e João Luís Ferreira não foi localizada, há duas versões sobre esse episódio: a de que o convite foi feito pelo então governador do Piauí, não sendo aceito, e a de que apenas pretendeu fazer o convite, mas desistiu em face da decadência física em que se encontrava o escritor. Ver também SCHWARCZ, Lilia Moritz, *op. cit.*, p. 548.

³¹ BARRETO, Lima. *Fetiches e fantoches*, *op. cit.*, p. 4.

³² Escola particular de propriedade de Gabriel Luís Ferreira, pai de Félix Pacheco e João Luis Ferreira. Funcionava na residência do proprietário, que mais tarde se tornou sede e Palácio de Governo do Piauí. Ver LOPES Raimundo Hélio. Ferreira, Gabriel Luís. In: *Dicionário da elite política republicana (1889-1930)*, *op. cit.* Acesso em 28 maio 2020.

ção de segunda-feira. Diante de um variado público de milhares de leitores, aceitava o desafio de tratar de literatura e crítica.³³

Embora Sainte-Beuve não constasse entre os livros que integravam a biblioteca particular de Lima Barreto, o que nos leva a supor que foi lido por empréstimo em biblioteca pública como a Nacional ou de algum colega, vale observar que a sua coleção de livros, apelidada de Limana, era majoritariamente constituída de obras no idioma francês. Dos seus 707 volumes, 430 eram publicações francesas. São recorrentes as referências que o literato carioca faz a autores franceses que lhe serviram de base para formular uma concepção de literatura, bem como para avaliar e classificar a produção literária que chegava às suas mãos e era objeto de análise crítica e comentários. Dentre essas referências, além de Saite-Beuve, destacam-se Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), Ferdinand Brunetière (1849-1906) e Jean-Marie Guyau (1854-1888), cujos livros constam da referida biblioteca.³⁴

Nota-se, portanto, um esforço de Lima Barreto no sentido de desnaturalizar a literatura, evitando uma visão romântica do seu exercício. Fica evidente seu empenho em abordar o ofício de escritor sob uma perspectiva crítica, fomentada a partir de leituras francesas que realizava habitualmente. Tal como Silvio Romero (1851-1914), que procurou desenvolver um método de análise para sua atividade de crítico literário, Lima Barreto também foi fortemente influenciado por Taine.³⁵

A lista dos livros existentes na biblioteca particular do escritor³⁶ documenta senão a leitura, pelo menos o seu vivo interesse pelo filósofo, historiador e crítico francês. Constavam nas suas estantes pelo menos seis títulos de autoria de Taine: *Nouveaux essais de critique et d'histoire*, *Philosophie de l'art*, *Histoire de la littérature anglaise*, *Les origenes de la France contemporaine*, *Essais de critique et d'histoire* e *Notes sur Paris*. Algumas dessas obras apontam o procedimento no qual possivelmente Lima Barreto buscava respaldo para examinar muitos dos livros que recebia e procurava comentar: explicar a literatura não só na sua dimensão estética, mas também considerando fatores externos como o meio, o contexto e o tempo histórico em que se verifica a produção literária.

Contudo, é preciso situar a adoção desse tipo de procedimento no contexto histórico da época no Brasil. Herdeiro da geração de 1870³⁷, Lima Barreto não buscou se estabelecer na cena literária carioca como crítico. Tudo indica que foi a força das circunstâncias que o levou a emitir julgamentos e avaliações sobre literatura e livros em geral, que chegavam às suas mãos ofertados

³³ Cf. SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. Préface. *Causeries du lundi*, tome premier. Paris: Garnier Frères: s./d., p. 1. São ao todo 15 volumes reunindo as contribuições do autor para a imprensa.

³⁴ Ver BOTELHO, Denilson. Livros, leituras e ideias em torno da biblioteca de um escritor negro do Rio de Janeiro no início do século XX. *XXX Simpósio Nacional de História – História e o futuro da educação no Brasil*. Disponível em <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1563907880_ARQUIVO_Texto_comunicacao_Denilson.pdf>. Acesso em 15 jan. 2021.

³⁵ Sobre Silvio Romero, Antonio Candido observa: “Nas questões literárias, com efeito, o seu mestre foi Taine, de maneira dominadora”. Ver CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Silvio Romero*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 44.

³⁶ Ver Lima Barreto, *Inventário*. Disponível em <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1589025/mss1589025.pdf>. Acesso em 5 jan. 2021. O documento transcrito pode ser consultado em BARBOSA, Francisco de Assis, *op. cit.*, p. 283-296.

³⁷ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 105.



por autores em busca de ter suas obras comentadas nos jornais e revistas nos quais o escritor publicava regularmente. Recebia livros “às pencas, daqui e de acolá. O meu desejo era dar notícias deles, quer fosse nesta ou naquela revista; mas também o meu intuito era noticiá-los honestamente, isto é, depois de tê-los lido e refletido sobre o que dizem. Infelizmente não posso fazer isso com a presteza que a ansiedade dos autores pedem [sic]”. E complementa: “Entretanto os livros chovem sobre mim – cousa que muito me honra, mas com a qual me vejo atrapalhado, devido à falta de método na minha vida”.³⁸ Por isso talvez seja mais apropriado supor que estamos diante de alguém que procurou minimamente articular certo grau de coerência nas análises literárias que empreendia, exercendo uma espécie de esboço de crítica ao invés de apenas improvisar neste ofício. E, ao fazê-lo, não era propriamente original, já que é possível perceber aproximações com a história desta atividade naquele período.

Embora Sílvio Romero tenha sido um marco na formulação de um método para os estudos literários ainda no final do século XIX, segundo Antonio Arnoni Prado, antes mesmo dele, Capistrano de Abreu teria sugerido duas formas possíveis de abordagem de uma obra: uma que contemplasse o produto da criação literária em si; outra voltada para o processo de formação da obra, baseado na definição do estado psíquico e social que a determinava.³⁹ Colocando-se contra uma perspectiva determinista na crítica do seu tempo, Capistrano teria suscitado também uma “repulsa ostensiva à velha retórica do estilo e do bom gosto”.⁴⁰ E como se voltou para o campo dos estudos históricos, “deixou a Sílvio Romero a enorme tarefa de disciplinar o caos que então imperava no pensamento e na crítica”⁴¹, no âmbito do movimento intelectual da Escola de Recife.

José Veríssimo (1857-1916), embora fosse um dos principais desafetos de Sílvio Romero e discordasse de suas ideias,

*foi o primeiro a refletir sobre elas de um modo sereno e objetivo. Foi o primeiro, por exemplo, a atribuir validade aos esforços ordenadores de Sílvio frente à desorganização dos critérios e dos princípios teóricos em discussão [...]. Longe das ‘igrejinhas e dos conventículos’, empenhos metodológicos como os de Sílvio representavam, para Veríssimo, uma forma positiva de fazer frente à limitação teórica dos velhos princípios que, naquele momento, só faziam agravar o nosso atraso no terreno dos estudos literários.*⁴²

Veríssimo inclusive identificou uma certa “hermenêutica romeriana”, que foi legada aos críticos que viriam depois e cujos princípios se pode perceber, por exemplo, nas abordagens de Lima Barreto. E coube a Antonio Candido desenvolver um estudo detalhado sobre o pensamento crítico de Sílvio Romero, no qual a literatura era produto não só do meio físico e da raça, mas também das condições histórico-sociais.⁴³ Sem escamotear a questão da raça e

³⁸ BARRETO, Lima. Livros. *Careta*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1922, p. 41.

³⁹ Cf. PRADO, Antonio Arnoni. O método crítico de Sílvio Romero. In: *Cenário com retratos: esboços e perfis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 35.

⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 36.

⁴¹ *Idem*.

⁴² *Idem, ibidem*, p. 39.

⁴³ Cf. CANDIDO, Antonio, *op. cit.*, p. 175.

definindo o fator étnico como elemento-chave na interpretação da cultura, Romero amplia os contornos de seu método para novas direções, acrescentando “ao seu critério científico da história um interesse cada vez maior pela ação combinada da natureza e do homem”.⁴⁴

A maior consequência desse critério para a crítica de Sílvio Romero no estudo da literatura brasileira

*foi a substituição do funcionalismo de Taine por um pragmatismo crítico, ‘que sobrepõe à representatividade do escritor o critério da sua utilidade coletiva. Não que Sílvio Romero tenha deixado de ser tainiano; isso jamais aconteceu; o que ocorre é que, agora, como mostra Antonio Candido, ele amplia as metas do estudo biográfico das personalidades, concebido por Edmond Scherer, para aplicá-las mais concretamente, como nexo causal, ao estudo dos fatos e das considerações gerais.’*⁴⁵

Lima Barreto também foi um tainiano interessado em estabelecer nexos entre a biografia dos autores e os fatos dos respectivos contextos em que viviam. Não foi tão fundo quanto Romero na tentativa de explicar o problema da criação literária, mas é possível estabelecer aproximações entre seus procedimentos de análise, especialmente no que diz respeito ao que Antonio Candido chamou de “materialismo mitigado”⁴⁶ empregado pelo crítico sergipano. Vejamos alguns exemplos.

Exercitando um esboço de “método” na crítica

Ao analisar a obra *Mau olhado*, do autor paulista João Pedro da Veiga Miranda (1881-1936), publicada no Rio de Janeiro, pela editora Leite Ribeiro e Maurillo, em 1919, o crítico literário a classifica como um romance sociológico e embasa essa classificação no filósofo francês Jean-Marie Guyau (1854-1888). Deste autor, consta no inventário da Limana o livro *La morale anglaise contemporaine*, obra que testemunha a influência de Herbert Spencer sobre o filósofo. Embora não conste na Limana, é possível afirmar que Lima Barreto leu também outra obra de Guyau, *L’art au point de vue sociologique*, que orientaria e pautaria sua atividade literária, seja como escritor, seja como crítico.⁴⁷

Nessa crítica, publicada na *Revista Contemporânea*, em 26 de abril de 1919, apesar de elogiar a descrição densa e detalhada de uma fazenda típica do século XIX, que Veiga Miranda faz no romance, Lima Barreto observa que lhe falta algo fundamental para uma trama que se passa nos tempos da escravidão: o escravo. E justifica: “A antiga propriedade agrícola de um tipo geral [...] não poderia existir sem o escravo”.⁴⁸

Nota-se, portanto, que o olhar sociológico do crítico literário advém, em parte, de leituras francesas das quais sua biblioteca e sua crítica literária fornecem evidências. Ao publicar o artigo “O destino da literatura”, na *Revista*

⁴⁴ PRADO, Antonio Arnoni, *op. cit.*, p. 49.

⁴⁵ *Idem.*

⁴⁶ Cf. PRADO, Antonio Arnoni, *op. cit.*, p. 54.

⁴⁷ Ver GUYAU, Jean-Marie. *La morale anglaise contemporaine*. Paris: Félix Alcan, 1885, e *idem*, GUYAU, Jean-Marie. *L’Art au point de vue sociologique*. Paris: Félix Alcan, 1889.

⁴⁸ BARRETO, Lima. *Impressões de leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 142.

Sousa Cruz, Lima cita *A arte do ponto de vista sociológico*, de Guyau, como referência para formular seu conceito de literatura, reproduzindo um trecho dessa obra, em que se afirma que a arte “é a expressão da vida refletida e consciente, e evoca em nós, ao mesmo tempo, a consciência mais profunda da existência, os sentimentos mais elevados, os pensamentos mais sublimes. Ela ergue o homem de sua vida pessoal à vida universal, não só pela sua participação nas ideias e crenças gerais, mas também ainda pelos sentimentos profundamente humanos que exprime”.⁴⁹

Provavelmente Lima Barreto inquietou-se com o fato de Veiga Miranda retratar uma fazenda desprovida de escravos, num procedimento que representaria uma espécie de traição à missão que atribuía à arte literária, já que para ele “o destino da literatura e da arte deixou de ser unicamente a beleza, o prazer, o deleite dos sentidos, para ser cousa muito diversa”.⁵⁰ Vale lembrar que, através do texto dessa conferência – jamais pronunciada –, o escritor pretendia responder a uma pergunta chave: para que serve a literatura? Ou, como a literatura pode contribuir para a felicidade de um povo? E, resumidamente, sua resposta foi no sentido de argumentar que “o fenômeno artístico é um fenômeno social e o da Arte é social para não dizer sociológico”.⁵¹

A crítica exercida por Lima Barreto algumas vezes contemplava escritores estreados como Enéas Ferraz (1896-1977), um paulistano nascido em 1896, que muito jovem mudou-se para o Rio de Janeiro e tornou-se seu amigo. Depois de aprovado em concurso para auxiliar de consulado do Ministério das Relações Exteriores, em 1918, Ferraz passaria uma temporada na Inglaterra, de onde escreveu carta para Barreto tratando, entre outros assuntos, do seguinte:

*Eu também, meu querido Lima Barreto, acabo de concluir o meu primeiro romance – digo primeiro porque três já eu deitei ao fogo, o bendito fogo que destrói as belezas e as sandices da humanidade. O meu trabalho intitula-se: História de João Crispim. E, agora, toda a minha dúvida é para conseguir editá-lo. Onde é que vou buscar o dinheiro? Tu sabes, meu velho, que o que eu ganho é apenas suficiente para o pão de cada dia, principalmente hoje que estou casado. Mande-me, pois, a este respeito, alguns conselhos de literato experiente como tu és. E, outra coisa: se antes de voltar ao Brasil (dois ou três anos mais) João Crispim estiver aí em circulação por uma dessas boas saídas do destino, corra-lhe as páginas e escreva para algum pasquim uma de suas brilhantes críticas, e isto, note bem, meu velho, sem sacrificar o teu ponto de vista e opiniões; dentro das batalhas intelectuais, eu aceito tudo: o ataque, a ironia que escacha, os ensinamentos, a condenação – uma vez que haja o espírito de justiça. Como te considero um dos primeiros romancistas cariocas do dia, o que escreveres a respeito de João Crispim ser-me-á de máxima importância. Entretanto, estou muito desanimado com a ideia de conseguir dinheiro para o meu John.*⁵²

Cerca de um mês depois, Lima Barreto respondeu a Enéas Ferraz apresentando solução para a questão da publicação do romance. Na ocasião, o

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 24.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 64.

⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 56.

⁵² FERRAZ, Enéas. Carta a Lima Barreto, 3 abr. 1921. In: BARRETO, Lima. *Correspondência*, op. cit., p. 237 e 238.

missivista encontrava-se no interior de São Paulo, em Mirassol, numa das raras vezes em que deixou a cidade em que vivia. Estava hospedado na casa de Ranulfo Prata, um jovem médico admirador da sua obra, que “não quer que eu beba. Ora Ferraz! Tu sabes bem a que nós somos levados à bebida. Eu sou só e tímido e bobo e idiota e selvagem e doente de imaginação. É preciso um derivativo e esse derivativo é...”⁵³ A carta evidencia o grau de intimidade entre ambos, dadas as confidências sobre mais um dos seus embates com o alcoolismo, bem como sobre detalhes a respeito da viagem ao interior paulista, onde chegou “depois de uma viagem por três ou quatro estradas de ferro, viagem que dura em suma trinta horas”. Além da demora e da distância, havia também o desconforto: “Imagine tu que essa viagem tão penosa só me aborreceu, porque senti no olhar dos políticos, dos doutores e aventureiros que foram meus companheiros, desprezo e desdém por mim. Talvez seja malquice...”⁵⁴, mas talvez tenha se sentido incomodado com os olhares preconceituosos que eram dirigidos a um homem negro habitualmente maltrapilho como ele. E a carta não se encerra antes de tratar da publicação almejada por Ferraz:

*P.S. – Quanto à edição do teu livro, vamos fazer esse trato. Eu tenho um compadre que é quase dono de uma tipografia. A edição de um milheiro, edição modesta, não pode passar de 1.500\$000. Tu arranjas quinhentos mil-réis, eu entrego-os ao compadre e fico fiador do resto, o qual tu pagarás aos poucos, com a venda do livro e como puderes. Hás de rir-te que eu fique fiador, pois o Rio é tão nobre cidade que eu – tu bem conheces – posso ser fiador de muita coisa. [...] Manda o calhamaço.*⁵⁵

Mesmo convivendo com permanentes dificuldades financeiras, surpreende que tenha se disposto a assumir mais um compromisso dessa ordem para viabilizar a publicação do romance em questão. O livro acabou sendo editado pela Livraria Schettino, que também tinha Lima Barreto entre seus autores, e foi objeto de uma crítica publicada n’*O Paiz*, apontando que, “apesar de umas ousadias fáceis que a sua mocidade desculpa, é obra de mérito que merece ser lida”.⁵⁶ O romance descreve a história de um jornalista negro e alcoólatra, que dá título à publicação. O crítico vê originalidade no romance, afirmando que nunca um romancista teria se dedicado a um temperamento como esse, tão comum no Rio de Janeiro daquele tempo – na sua opinião. Difícil não considerar também o quanto Lima Barreto se identificou com o João Crispim, à despeito dos méritos que a obra tivesse ou não.

E sobre o protagonista, Lima ainda observa: “é um caso de ‘moléstia da cor’, como qualifica Silvio Romero, tratando de Tito Lívio de Castro, no prefácio que escreveu para – *A mulher e a sociogenia* – desse malogrado escritor”.⁵⁷ Vale mencionar que o referido livro de Castro constava da Limana, a sua biblioteca particular. Por fim, comenta ainda que Crispim morre atropelado durante o carnaval e é sepultado como indigente, numa cena “que é, aliás, uma

⁵³ BARRETO, Lima. Carta a Enéas Ferraz, 4 maio 1921. In: BARRETO, Lima. *Correspondência*, op. cit., p. 239.

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ *Idem*, *ibidem*, p. 239 e 240.

⁵⁶ *Idem*, História de um mulato. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1922, p. 3.

⁵⁷ *Idem*.



das mais belas do livro”.⁵⁸ Para Lima, Enéas não era mais uma promessa, pois tinha comprovado sua vocação e talento.

Na *Gazeta de Notícias* o objeto da crítica de Lima Barreto foi outro romance de estreia, *Exaltação*, de Albertina Bertha.⁵⁹ Na verdade, o texto analisa também *Estudos*, lançado pela autora em 1920, e sua publicação no jornal foi antecedida por uma troca de cartas entre ambos. Em 31 de dezembro de 1916, o crítico agradecia respeitosamente por “receber o exemplar, que tão bondosamente me ofereceu”.⁶⁰ Embora tenha reconhecido a beleza da linguagem empregada e uma grande habilidade nas descrições que apresenta, ponderava que “essa exuberância afoga a análise dos sentimentos quando se trata de explicá-los da mesma forma e dá não sei o que de artificial aos seus diálogos”.⁶¹ E, mesmo em meio aos elogios dirigidos à autora, formula sua principal crítica:

O seu livro é bem um poema em prosa, e um poema de mulher, de senhora, pouco conhecedora da vida total, dos altos e baixos dela, da variedade de suas dores e das suas injustiças. Vivendo à parte, em um mundo muito restrito, a senhora, muito naturalmente, não podia conhecer senão uma espécie de dor, a dor de amar; e, dessa mesma, a senhora faz dela uma Exaltação.

*Nada tenho a condenar o limite do direito de amar que a senhora defende. Se há quem tenha a respeito teorias mais radicais sou eu; mas, minha senhora, a literatura é um perpétuo sacerdócio, diz Carlyle, e desde que li isso, eu não me sento na minha modesta mesa para escrever sem que pense não só em mim, mas também nos outros. O que há de pessoal nos meus pobres livros (vou adiante da objeção) interessa a muita gente e isso, penso eu, me desculpa.*⁶²

Quando publicada no jornal, a crítica torna-se ainda mais enfática e reitera o mesmo aspecto. Embora inicie afirmando que “Albertina Berta é um dos mais perturbadores temperamentos literários que, de uns tempos a esta parte, têm aparecido entre nós”, destacando ainda ser a autora “muito inteligente, muito ilustrada mesmo, pelo seu nascimento e educação”, aponta logo o que considera problemático em sua obra, ao observar que ela desconhece “do edifício da vida muitos dos seus vários andares de misérias, sonhos e angústias”, tendo construído “um castelo de encantos, para seu uso e gozo, movendo-se nele soberanamente, sem ver os criados, as aias, os pajens e os guardas”.⁶³

Fica evidente, na avaliação sobre o romance, o emprego de um certo viés de classe. Para o crítico, Bertha faz uma verdadeira exaltação do amor romântico e de suas dores, que são supervalorizados em detrimento de uma compreensão mais abrangente da complexidade da vida, especialmente dos sofrimentos que a desigualdade social, a miséria e as angústias daí decorrentes ocasionam. O que o incomoda é o fato do enredo ser descolado da realidade da maioria dos possíveis leitores. Os dramas da vida pessoal do autor até po-

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ *Idem*, *Estudos*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 out. 1920, p. 2.

⁶⁰ *Idem*, Carta a Albertina Bertha, 31 dez. 1916. In: BARRETO, Lima. *Correspondência*, op. cit., p. 283.

⁶¹ *Idem*, *ibidem*, p. 284.

⁶² *Idem*.

⁶³ *Idem*, *Estudos*, op. cit., p. 2.

dem ser ficcionalizados, segundo o crítico, desde que sejam do interesse geral da sociedade. Nota-se a defesa de um princípio caro ao autor da crítica, que se mostra ao mesmo tempo um critério empregado em suas avaliações dos livros que chegam às suas mãos: de que forma o que é externo torna-se interno no romance, a ponto de conseguir estabelecer uma comunicação eficaz com o leitor, permitindo inclusive que este se identifique com os temas abordados? E para que esse objetivo seja alcançado, o autor de ficção deve estar consciente de que vive numa sociedade de classes, cuja desigualdade precisa ser de algum modo contemplada.

Entre a crítica e a literatura

Ao examinar alguns dos textos em que Lima Barreto exerce o ofício da crítica literária, bem como correspondências e diálogos em torno dessa atividade, descortina-se uma possibilidade de compreensão mais aprofundada e ainda pouco explorada da sua concepção de literatura. Habitualmente reconhecido pela autoria de romances, contos e crônicas, a faceta do crítico não lhe é atribuída. Mas é fato que ele se lançou à crítica em dezenas de textos publicados na imprensa, sendo alguns foram analisados neste artigo. Numa dessas ocasiões, comentava sobre essa atividade específica: "Os que nos cercam, são sempre suspeitos. Ou são amigos e veem em tudo que é nosso, cousa boa; ou são inimigos e dizem que o que nós fazemos, não presta, porque andamos com uma roupa sovada e o colarinho sujo, embora nunca tentássemos namorar uma parenta qualquer deles".⁶⁴

Incomodado com a possibilidade de ver a crítica sucumbir ao plano das relações pessoais, restringindo avaliações à superficialidade das coisas boas e ruins, procurou esboçar critérios para além do juízo estético rasteiro e das amizades ou inimizades do literato. "A poesia, a arte, é uma instituição social; ela surge da sociedade para a sociedade. O poeta, seja rico ou pobre, feliz ou infeliz, o seu primeiro dever é comunicar-se com os outros e dizer-lhes a que vem e para o que vem; e não é possível fazer tal cousa sem publicar-se e não é possível imprimir-se sem transigir".⁶⁵

Tomar a literatura como instituição social, em que a sociedade está refletida, ao mesmo tempo em que se dirige a ela, considerando a condição social de origem do autor, pode até não ser exatamente um "materialismo mitigado"⁶⁶, a exemplo do que Prado enxergou no método de Sílvio Romero, mas não deixa de expressar com clareza a tese de que a literatura guarda certa materialidade⁶⁷, expressa na forma que adquire para se comunicar e chegar ao leitor.

Mesmo oscilando entre o juízo fortemente comprometido pelas relações pessoais, como fica evidente na querela com Agripino Grieco em torno de Félix Pacheco, por exemplo, e a busca de critérios e parâmetros comprometidos com uma análise que levasse em consideração o modo como concebe a

⁶⁴ *Idem*, Poesia e poetas. A.B.C., Rio de Janeiro, 5 mar. 1921, p. 16.

⁶⁵ *Idem*.

⁶⁶ PRADO, Antonio Arnoni, *op. cit.*, p. 54. Embora o autor atribua o uso dessa expressão a Antonio Candido, não a localizei no livro *O método crítico de Sílvio Romero*, já mencionado.

⁶⁷ Cf. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

literatura – dialeticamente situada entre a forma e o conteúdo, o texto e o contexto –, Lima Barreto aventurou-se pela crítica literária. Premido pela farta oferta de exemplares que lhe eram enviados pelos próprios autores e respaldado pela numerosa biblioteca que constituiu, procurou articular alguns procedimentos, esboçar talvez algum método, fazendo desse gênero mais uma modalidade de escrita que exercitou.

Artigo recebido em 5 de fevereiro de 2021. Aprovado em 10 de março de 2021.